



O “*PERIGOSO*” ENSINO LIBERTÁRIO NAS DÉCADAS INICIAIS DO SÉCULO XX: UMA AFRONTA ÁCIDA AO ENSINO CATÓLICO (BRASIL E ARGENTINA)

THE “*DANGEROUS*” LIBERTARIAN TEACHING IN THE INITIAL DECADES OF THE TWENTIETH CENTURY: AN ACID AFFRONT TO CATHOLIC TEACHING (BRAZIL AND ARGENTINA)

Caroline Poletto*

Resumo: O presente artigo pretende apresentar características do pensamento libertário no que concerne à sua concepção de educação, bem como demonstrar como veículos da imprensa anarquista e anticlerical brasileira e argentina se dedicaram energicamente ao ataque do ensino católico e ao processo estético de transformação dos clérigos em inimigos monstruosos da sociedade futura, sociedade essa em que o ensino, desvinculado das influências religiosas, possibilitaria a ascensão de uma sociedade livre, criativa e igualitária. Sendo assim, serão analisadas imagens contidas em periódicos anarquistas e anticlericais de Buenos Aires e de São Paulo que pretendiam desmoralizar o ensino católico e, ao mesmo tempo, construir um estereótipo clerical vinculado a valores negativos como o roubo, a exploração, a opressão, etc. Essas imagens circularam durante as quatro primeiras décadas do século XX, tamanha era a necessidade de denunciar uma educação asfíxica baseada na reprodução de modelos sociais definidos.

Palavras-chave: Ensino libertário. Ensino católico. Estereótipo clerical.

Abstract: The present article aims to present characteristics of the libertarian thought in what concerns his education conception, as well as to demonstrate like vehicles of the anarchist and anticlerical press from Brazil and Argentina were dedicated energetically to attack the catholic teaching and to the esthetic process of transformation of the clerics in monstrous enemies of the future society, this society where education, released from religious influences, would make possible the ascent of a free, creative and egalitarian society. Being so, there will be analysed images contained in anarchists and anti-clerical publications from Buenos Aires and of Sao Paulo that intended to demoralize the catholic teaching and, at the same time, to build a clerical stereotype linked the negative values as the theft, the exploration, the oppression, etc. These images circulated during the first four decades of the twentieth century, such was the need to report an asphyxiating education based on the reproduction of defined social models.

Keywords: Libertarian education. Catholic teaching. Clerical stereotype.

*“A missão da Escola Moderna consiste em fazer com que meninos e meninas tornem-se pessoas instruídas, verdadeiras, justas e livres.”
(FERRER Y GUARDÍA, s/d, p.21)*

* Doutora em História pela Unisinos., servidora do IFRS. E-mail: caropoletto@gmail.com



O século XX é marcado, por lado, pelo fortalecimento dos Estados Nacionais e do capitalismo e, por outro, pelo desenvolvimento e consolidação de movimentos contestatórios como o socialismo e o anarquismo. No campo educacional, desenvolvem-se escolas alternativas que procuram romper com o ensino católico e todas as suas proibições e restrições e, ao mesmo tempo, divulgar uma nova metodologia de ensino baseada na cooperação, solidariedade, igualdade e liberdade; educação essa que, na concepção libertária, possibilitaria o surgimento de uma nova sociedade: mais justa, humana e solidária.

A escola que inspirou e deu origem à inúmeras outras (no decorrer do século XX) foi a Escola Moderna de Barcelona, inaugurada em 1901, pelo educador libertário Francisco Ferrer. A Escola Moderna, por ser um projeto prático de pedagogia libertária, ousado e inovador, sofreu inúmeros ataques e críticas, principalmente pelos defensores do ensino católico vinculado aos valores burgueses e, no caso específico da Espanha, também aos valores monárquicos. A educação libertária tinha por objetivo central ensinar o aluno a pensar por si próprio, ter autonomia e liberdade para se expressar e aprender, ao invés de o ensinar a ser obediente, conforme acontecia na educação católica, repleta de regras e imposições. Maria Pascal e Safón apresentam, de forma concisa, algumas características pedagógicas da Escola Moderna de Ferrer:

Em Barcelona, o professor catalão Ferrer i Guardiã criou a Escola Moderna no período compreendido entre 1901 e 1905. Ferrer desenvolveu o método racional, enfatizando as ciências naturais com certa influência positivista, privilegiando a educação integral. Propõe uma metodologia baseada na cooperação e respeito mútuo. Sua escola deveria ser frequentada por crianças de ambos os sexos para desfrutarem de uma relação de igualdade desde cedo. A concepção burguesa de castigos, repressão, submissão e obediência, deveria ser substituída pela teoria libertária, de formação do novo homem e da nova mulher. Ferrer considerava que o cientificismo não era um saber neutro. Aqueles que tem o poder se esforçam por legitimá-lo através de teses científicas. (PASCAL, 2006, p.03)

A Escola Moderna tenciona combater todos os preconceitos que impedem a emancipação total do indivíduo, e é por isso que ela adota o racionalismo humanista, que consiste em inculcar na infância o desejo de conhecer a origem de todas as injustiças sociais a fim de que, por esse reconhecimento, ela possa, em seguida, combatê-las e opor-se a elas. (SAFÓN In PROCHNOW, 2009, p.39)

Ao propor a educação integral, o ensino misto (meninos e meninas), o ensino livre e autônomo (sem castigos), Francisco Ferrer rompe com os ideais da educação católica, baseada em castigos, preconceitos e estereótipos. Não havia mistura de sexos nas escolas dirigidas



pelos clérigos e, nem mesmo, uma mistura social, de forma que quanto mais homogêneo e obediente o grupo de alunos, melhor serviria ao ensino católico. O projeto de educação desenvolvido por Ferrer será multiplicado em inúmeras escolas, não somente na Espanha, mas também na América Latina, merecendo destaque aqui a escola moderna de São Paulo e as diversas escolas livres de Buenos Aires. Essas escolas foram bastante elogiadas pela imprensa anarquista e anticlerical dessas cidades, uma vez que rompiam com o monopólio do ensino católico e da influência religiosa e abrangiam também a educação de adultos, oferecendo aulas no turno noturno. Ferrer também critica algumas escolas libertárias pela imposição de valores políticos, o que em geral assustava a classe média. A escola que ele propõe não é exclusiva para o operariado, mas também para as outras classes sociais, como a classe média. Ferrer acha importantíssima essa heterogeneidade para a concretização de uma pedagogia realmente solidária e livre de estereótipos.

Para Ferrer Y Guardia, as escolas laicas e clericais tinham uma “pedagogia moderada”; enquanto que as escolas anarquistas, existentes nos ateneus, eram demasiadamente “marcadas política e socialmente”. Ele apresentava, desta forma, sensibilidade em reconhecer que o anarquismo assustava a classe média, e sua escola, apesar de revolucionária, tendia à emancipação humana e não de classe. (POCHNOW, 2009, p.40)

O reflexo do significativo valor que os anarquistas, no geral, conferiam à educação pode ser sentido através da fundação de inúmeras escolas operárias, de bibliotecas populares e de inúmeros periódicos, revistas e folhetos que tinham por objetivo principal educar a classe operária e propagar os ideais ácratas. Vale frisar que, de acordo com os ideais libertários, a educação tem um papel fundamental na emancipação humana, de forma que somente através dela se poderia modificar o meio social e econômico, transformando também os próprios homens.

Ilustrarse y conocer fue un binomio clave en la propuesta de comunicación de los gremios porque consideraban que el conocimiento era imprescindible para cambiar la situación de las clases laboriosas. Había que saber leer y escribir, tener nociones de ciencias sociales y naturales así como entender de estadística, ya que era necesaria para recabar datos, cuantificarlos y discernir sobre los problemas de la sociedad. [...] los periódicos eran una herramienta para convertir a los obreros en seres ilustrados, racionales y en agentes del cambio social. (LOBATO, 2009, p.49)

La filosofía anarquista entendió la educación como un pilar en la gran tarea regeneradora y fue obsesiva en distinguir al Capital, al Gobierno, a la Iglesia y a la Ignorancia como las cuatro cabezas del monstruo



que debían enfrentar, y finalmente suprimir, los suprimidos. (BARRANCOS, 1990, p. 12)

Buenos Aires foi contemplada com inúmeras escolas livres desde o ano de 1904. Na realidade, era raro encontrar alguma associação operária que não contasse com uma biblioteca, com um espaço destinado para a realização de palestras, conferências e aulas no geral e, ainda, com uma imprensa própria, refletida na impressão de um pequeno jornal, de uma revista ilustrada, ou de simples e rápidos folhetos e cartazes. Sendo que o próprio Congresso da F.O.R.A.¹, em 1905, estimula a criação de escolas livres e reforça a importância da educação racionalista. A imprensa libertária será também responsável pela divulgação dessas escolas livres, como verificado na divulgação da circular de uma Escola Moderna de Buenos Aires, fundada em 1909, nas páginas do jornal anarquista **La Protesta**.

El quinto congreso obrero, reconociendo la necesidad de hacer efectiva la instrucción libre, recomienda a todas las sociedades federadas que dediquen una parte de sus fondos al sostenimiento de escuelas libres, bibliotecas y edición de folletos, y que la F.O.R.A. apoye toda iniciativa que surja tendiente a la constitución de ellas, asegurándose los consejos locales de su buen funcionamiento. [...] El quinto Congreso Obrero Regional Argentino, consecuente con los principios filosóficos que han dado razón de ser a la organización de las federaciones obreras, declara: que aprueba y recomienda a todos sus adherentes la propaganda e ilustración más amplia, en el sentido de inculcar en los obreros los principios económicos y filosóficos del comunismo anárquico. Esta educación, impidiendo que se detengan en la conquista de las ocho horas, les llevará a su completa emancipación y por consiguiente a la evolución social que se persigue. (*Resoluções do V Congresso da F.O.R.A* In: SANTILLÁN, 2005, pp. 147-151)

Circular de la Escuela Moderna

[...] Conforme nuestro deseo de instalar una escuela en la que se eduque de acuerdo con los dictados de la razón y de la ciencia, hemos hecho practica la instalación de la “Escuela Moderna” en el cómodo local: Uspallata 407; funciona hace mes y medio en que reciben educación ciento y treinta niños. (**LA PROTESTA**, Buenos Aires, 9 de enero de 1909, nº 1539 p.02)

¹ Federación Obrera Regional Argentina. O nome original da F.O.R.A. é Federación Obrera Argentina (F.O.A), fundada em 1901; no entanto, no ano de 1904, durante o quarto congresso da Federação, resolve-se acrescentar o adjetivo “regional” para deixar claro que não se considerava a Argentina como uma unidade política, mas sim como uma região do mundo em que havia trabalhadores que lutavam por sua própria emancipação. É formada por múltiplas associações e grêmios que procurou assistir a uma gama variada de trabalhadores, incluindo tanto as associações rurais quanto as urbanas de variadas localidades da Argentina. Ver: Diego Abad de Santillán (2005).



Como nos bairros operários tanto de Buenos Aires quanto de São Paulo o índice de analfabetismo era bastante elevado, as escolas libertárias tiveram um importante papel sendo responsáveis por uma diminuição do número de analfabetos nessas cidades e pela conversão de um maior número de indivíduos aos ideais ácratas (mesmo que esse número não fosse tão relevante). Embora Suriano ressalte que as escolas libertárias em Buenos Aires não tenham atingido a maioria dos trabalhadores e que a manutenção das mesmas sempre foi uma questão difícil, não se pode negar o valor das mesmas no contexto portenho, uma vez que chegaram a atingir “medio millar de alumnos” (SURIANO, 2005, p.41).

Em São Paulo, merece destaque a Escola Moderna inaugurada em 1909; no entanto, experiências de escolas livres já haviam sido visualizadas no estado paulista, principalmente na cidade de Campinas. Essa escola de 1909 também era inspirada na escola barcelonesa de Francisco Ferrer e procurava romper com os dogmas oficiais como a valorização do militarismo e da influência religiosa. Além das escolas, São Paulo também contou com o desenvolvimento de outros locais destinados à cultura operária: bibliotecas, grupos de estudos, teatros sociais e uma imprensa de protesto bastante significativa.

E será nas páginas dessa imprensa de protesto que se verificará uma crítica mordaz ao ensino católico e à figura clerical. É importante ressaltar ainda que o periódico anticlerical inserido nesta análise apresenta, inegavelmente, uma relação de simpatia e aproximação com as ideias anarquistas. Sendo, muitas vezes, rotulado também como anarquista, embora o seu foco principal seja o anticlericalismo. Trata-se do jornal **A Lanterna**², de São Paulo. A incorporação de periódicos anticlericais na presente análise é importante, pois esses estabeleciam intensos contatos tanto com os periódicos libertários como com os colaboradores destes e, assim como os anarquistas o fizeram, constituíram um imaginário próprio ligado às suas crenças e percepções. Além disso, essa relação de proximidade existente entre anarquistas e anticlericais no decorrer do século XX ainda foi pouco explorada pela historiografia e se acredita que há muito a ser dito sobre essa afinidade (embora nem todo anticlerical seja anarquista, uma vez que o anticlericalismo é um movimento complexo e incorporador de distintas tendências).

El anticlericalismo desarrolló un imaginario propio, reproducido en prácticas, rituales, sociabilidades, medios de difusión e instituciones que habilitaron su permanencia y reproducción en el tiempo. Una verdadera cultura anticlerical se consolidó en distintos espacios sociales iberoamericanos. [...] Los ámbitos de sociabilidad propios de

² Jornal anticlerical paulista. Teve duas fases: a primeira de 1909-1916 e a segunda de 1933 a 1935.



la modernidad: masonería, sociedades de librepensadores, organizaciones vinculadas al socialismo o al anarquismo sirvieron para transmitir un ideario y un conjunto de imágenes compartidas. (DI STEFANO; ZANCA, 2013, pp. 19-20)

Além do jornal anticlerical **A Lanterna**, também se utilizarão imagens das revistas de Buenos Aires **Martin Fierro**³ e **Ideas y Figuras**⁴. Constata-se, nas revistas, a supremacia dos textos doutrinários em detrimento das notícias locais, uma vez que esses, juntamente com imagens e poesias, formavam o corpo do periódico. De forma que os textos contidos nas revistas (na sua maioria doutrinários e pedagógicos) poderiam ser lidos durante um período indeterminado, uma vez que estavam desprovidos do caráter imediatista das notícias locais, não perdendo, portanto, sua atualidade com o passar dos meses. A caracterização do gênero *revista* concedida por Martins está em concordância com o observado nas revistas aqui analisadas, o que permite apontar a diferenciação destes para com o *jornal*.

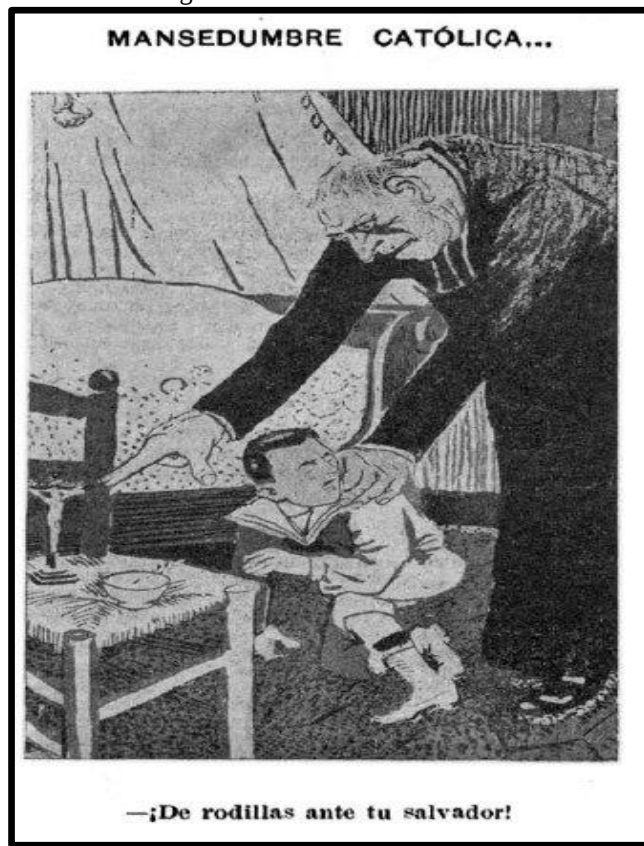
A revista era o instrumento eficaz de propagação de valores culturais, dado seu caráter de impresso do momento, condensado, ligeiro e de fácil consumo. Acrescenta-se a isso, por vezes, a aparência luxuosa, divulgando, através da ilustração, propagandas e mensagens aliciadoras e pronto! Assim estava configurado o produto que subjugava corações e mentes, atingindo com presteza uma gama expressiva e diferenciada de leitores. (MARTINS, 2008, p.27)

A análise da arte e da estética libertária e anticlerical dominarão o texto a partir deste momento, uma vez que serão observadas algumas imagens contidas na imprensa subalterna e que procuram demonizar tanto a figura clerical como o ensino católico recebido pelas crianças. Lembrando que essas imagens não são singelas ilustrações de textos, mas apresentam conteúdo próprio e significativo por si próprias sendo, muitas vezes, independentes de recursos textuais. Por isso, essa parte da análise tem a pretensão de não ser meramente descritiva, mas de tratar as imagens enquanto fontes que necessitam ser analisadas, contextualizadas e interpretadas com o mesmo cuidado necessário no tratamento de qualquer outra fonte.

³ Revista libertária de Buenos Aires. Publicada nos anos de 1904 e 1905.

⁴ Revista anarquista argentina. Foi publicada no período de 1909-1916 em Buenos Aires.

Figura 1: Mansedumbre Católica



Fonte: **Martin Fierro**, 15 de setembro de 1904, nº28 p.7

Na figura 1, estampada na revista **Martin Fierro**, verifica-se claramente a autoridade do clérigo, uma vez que este faz com que a criança fique de joelhos rezando ao ser supremo, ao Salvador. O título e a legenda da imagem reforçam essa opressão por parte da figura clerical pois o título “*Mansedumbre*” remete ao significado de mansidão, de submissão, de obediência à Deus; na imagem, essa obediência é dirigida à uma ordem do padre e não, necessariamente à Deus. Além disso, uma observação mais atenta da imagem permite reconhecer traços de monstruosidade na representação clerical, uma vez que o clérigo é retratado com mãos grandes e unhas compridas e com uma face horripilante, permitindo a identificação do inimigo como um “*monstro infame*”, de forma que o artista também desqualifica e desumaniza o outro, tornando a aniquilação deste justificável e inquestionável.

E em guerra, como se sabe, “não se limpam armas”, “tiram-se as luvas”, que é como quem diz: adeus sutilezas, olá simplificações. O outro passa a ser o inimigo, pelo que não só é permitido como até útil desumanizá-lo. O que só é justo porque, desde logo, o nosso inimigo é desumano – não são as suas ações a prova mesma disso? É de uma lógica à prova de bala: se o meu inimigo é desumano, eu não faço nada de mais em desumanizá-lo. Na verdade, limito-me a tirar-lhe a máscara (ou a retirar os óculos que me vendavam os olhos) e a vê-lo

tal qual ele é: a encarnação do Mal, uma besta fétida, um macaco, um inseto contaminado, um polvo tentacular. (ZINK, 2011, p.52)

Figura 2: Vampiro clerical



Fonte: **A Lanterna**, 23/08/1934, p.01

Na figura 2, publicada no jornal anticlerical paulista **A Lanterna**, durante o ano de 1934, ou seja, trinta anos após a visualização da imagem publicada na revista **Martin Fierro**, de Buenos Aires, também se verifica a representação da figura clerical através de um monstro: no caso em questão trata-se de um vampiro-morcego, grandioso e assustador. No entanto, os alunos aqui não estão numa postura obediente, mais sim avançando sobre o monstro, tendo uma postura resistente, combativa. A legenda reforça a imagem ao denunciar os perigos do ensino clerical: “*é preciso cortar as garras venenosas ao horrendo abutre que se agita, tenebroso e ameaçador, sobre a infância brasileira, envenenando-lhe a consciência e corrompendo-lhe a mentalidade*”. Ao apresentar o padre como “*abutre*” o autor da imagem tenciona vinculá-lo a sentimentos de repulsa, de náuseas, uma vez que este – o abutre - está ligado a hábitos necrófagos, sujos e peçonhentos. Também é uma forma de alertar para o perigo que o inimigo representa, uma vez que o mesmo está em nítida posição de ataque, avançando contra os alunos.

Figura 3: Símbolos da Educação Jesuíta

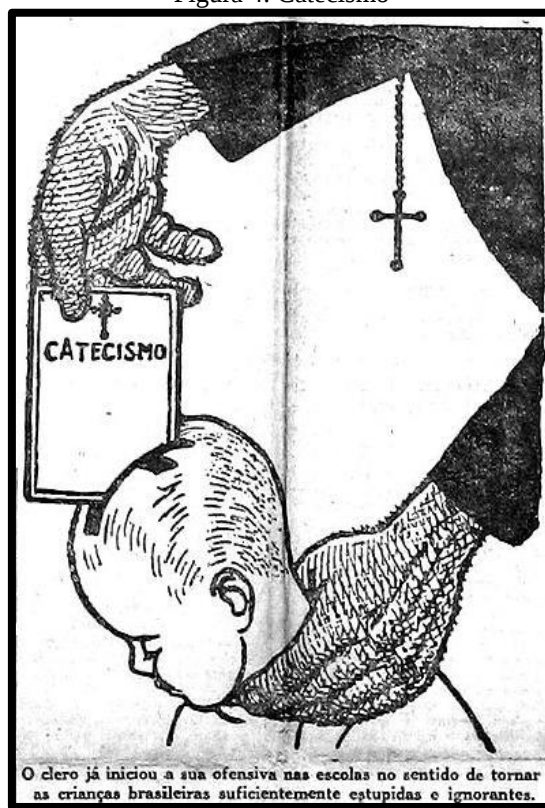


Fonte: **Martín Fierro**, 18 de agosto de 1904, nº24 p.7

A figura 3, visualizada na revista **Martín Fierro**, no ano de 1904, apresenta novamente uma figura clerical monstruosa e ameaçadora. Nessa imagem, os alunos caminham cegamente para dentro do monstro, sem resistências. O título da imagem reforça a crítica da educação clerical: “*Símbolos da educación jesuíta*” e também deixa certo ar irônico no ar. A junção do recurso visual, do título (ou legenda) e da ironia é uma constante nos periódicos libertários e anticlericais: a primeira seduz, a segunda conduz o olhar e a terceira inverte os sentidos e reforça a crítica. É importante salientar que o emprego da ironia no título que acompanha a referida imagem pode ser entendido como uma estratégia, uma vez que a ironia surte um efeito positivo quando é empregada com a finalidade de oposição e subversão à ordem estabelecida. Ela é, por si própria, uma arma contra essa ordem:

Durante a luta revolucionária, a ironia é bem-vinda por causa de seus arremessos contra o inimigo. Uma vez que a revolução estiver posta na sela, a ironia recebe um desligamento imediato e desonroso (D.J. Enright, 1986 p.108-109). Tal mudança só é possível por causa da natureza transideológica da ironia: enquanto pode-se usar a ironia para reforçar a autoridade, também pode-se usá-la para fins de oposição e subversão – e ela pode tornar-se suspeita por isso mesmo. (HUTCHEON, 2000, p. 53)

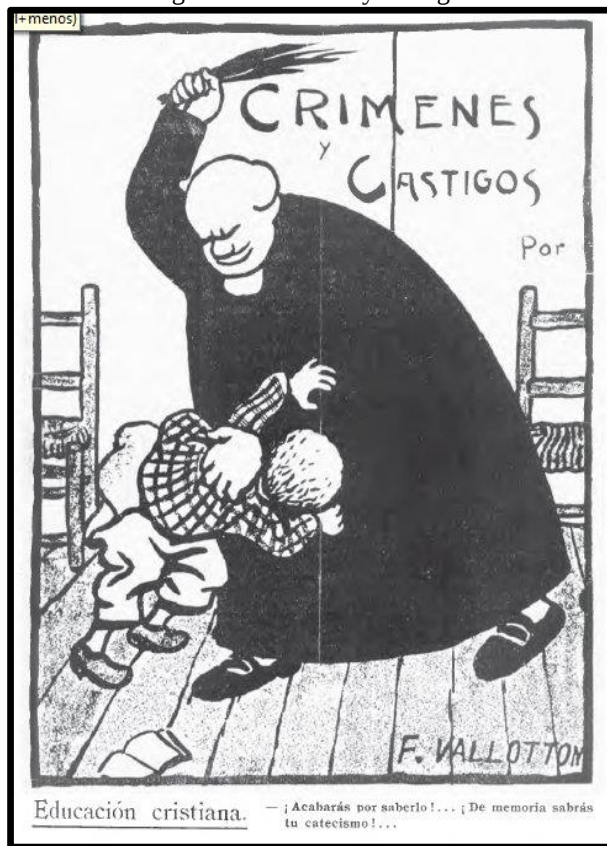
Figura 4: Catecismo



Fonte: A Lanterna, 23/02/1935, p.01

Na figura 4, publicada na primeira página do jornal **A Lanterna**, percebe-se a intenção do desenhista em criticar o ensino católico, uma vez que retrata uma criança sendo conduzida ao catecismo de forma opressiva; ela está sendo imobilizada pelo padre e nada pode fazer para fugir da imposição do catecismo. As mãos do padre são peludas e exageradas, mais uma tentativa de conferir monstruosidade e animalidade à figura clerical. A imagem é bastante forte e a legenda ainda mais: “*o clero já iniciou a sua ofensiva nas escolas no sentido de tornar as crianças brasileiras suficientemente estúpidas e ignorantes*”. Reforça, uma vez mais, o caráter opressor do ensino clerical e a impossibilidade da criança se desenvolver livremente, sem seguir as normas e os padrões impostos por uma religiosidade asfixiante.

Figura 5: Crimenes y Castigos



Fonte: Ideas y Figuras, 9 de julho de 1909, nº7 p.01

A figura 5, estampada na capa da revista **Ideas y Figuras**, em 1909, acusa, de forma direta, os abusos e castigos praticados no ensino católico, demonstrando o caráter autoritário e repressor dessa pedagogia cristã. A legenda reforça o caráter repressor da imagem: “!Acabarás por saberlo! De memoria sabrás tu catecismo!...”. Já a figura clerical apresenta uma aparência exagerada e obesa. Quanto ao exagero dos traços físicos da figura clerical se adverte que não quer dizer, na prática, que todas as autoridades clericais eram obesas, mas há um exagero proposital, a fim de transpor uma característica física para um tipo de comportamento baseado em exageros e excessos. De acordo com Bergson o exagerado tamanho dos clérigos transmitiria comicidade à caricatura, uma vez que “é cômico todo incidente que chame nossa atenção para o físico de uma pessoa estando em causa o moral” (BERGSON, 1987, p.33). Dessa forma, ao representar as figuras clericais, os desenhistas exageravam nos seus traços físicos para aludir a vícios sociais e desvios que estes sujeitos cometiam. Ou seja, ridicularizavam e exageravam os traços físicos para traduzir questões /problemas sociais.



O caricaturista surpreende o aspecto grotesco dos seres, das coisas e dos fatos, porém, além disso, faz com que o espelho onde vemos reproduzidos fatos, coisas e seres, em todo o seu ridículo ou em toda a sua infâmia, sirva, também, no dia de amanhã, para tornar a reproduzi-los belos, harmoniosos e fortes. Entretanto, é preciso não esquecer também que não é a caricatura que torna os homens ridículos: eles é que são ridículos por si mesmos, quando o são, nem há força que os livre disso. Nem outra coisa tem acontecido, desde que o mundo é mundo. (LIMA, 1963, p.15)

Através desses breves exemplos foi possível verificar que a estética libertária e anticlerical foi bastante precisa na definição dos seus inimigos, apresentando estereótipos facilmente verificáveis destes sujeitos a que se propunham a aniquilar, a combater e enfraquecer. Muitas vezes esses estereótipos eram acompanhados de exageros físicos (no caso da representação visual), de expressões e frases irônicas, de traços de humor, burla e comicidade e ainda de vinculação desses inimigos com monstros ou com traços de desumanização. Assim, o imaginário anarquista e anticlerical também se baseia na representação negativa do outro, na criação de personagens vinculados com desvios sociais bem delineados, de forma que o leitor ou o observador pudesse reconhecer esses inimigos imediatamente. Sobre essa construção de personagens na imprensa anarquista, Leal assinala que:

“[...] a construção das personagens passa a seguir um padrão que saliente de forma clara sua posição na sociedade: se trabalhador, capitalista, soldado, clérigo, etc. As descrições davam-se de maneira bem característica em relação ao seu aspecto físico e à sua postura. (LEAL, 1999, p.169)

Dessa forma, ao desumanizar a figura clerical e lhe conceder um papel opressor e monstruoso, os anarquistas e anticlericais também denunciaram o ensino católico que, de acordo com sua concepção, simplesmente reproduzia alunos obedientes e desprovidos da capacidade de pensar de forma livre e autônoma e, portanto, incapazes de construir a nova sociedade.

Referencias Bibliográficas

BARRANCOS, DORA. **Anarquismo, Educación y costumbres en la Argentina de principios de siglo**. Ed. Contrapunto: Buenos Aires, 1990.

BERGSON, Henri. **O Riso: ensaio sobre a significação do cômico**. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1987.



DI STEFANO, Roberto; ZANCA, José (comp.). **Pasiones Anticlericales: un recorrido iberoamericano**. Bernal: Universidad Nacional de Quilmes, 2013.

GUARDIA, Franciso Ferrer y. **La Escuela Moderna**. Madrid: Ediciones Solidaried, s/d.

HUTCHEON, Linda. **Teoria e Política da Ironia**. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2000.

LEAL, Claudia Feieranbend Baeta. **Anarquismo em Verso e Prosa: literatura e Propaganda na imprensa libertária em São Paulo (1900-1916)**. Dissertação (Mestrado em teoria Literária) – Instituto de Estudos de Linguagem, UNICAMP: Campinas, SP, 1999.

LIMA, Herman. **História da Caricatura no Brasil**. Vol.1. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1963.

LOBATO, Mirta Zaida. **La prensa obrera**. Buenos Aires: edhasa, 2009.

MARTINS, Ana Luiza. **Revistas em Revista: imprensa e práticas culturais em tempos de República**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Fapesp, 2008.

PASCAL, Maria Aparecida Macedo. A pedagogia libertária: um resgate histórico. In: I CONGRESSO INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA SOCIAL, 1., 2006, Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, Disponível em: http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=MSC000000092006000100032&lng=en&nrm=abn Acesso em 15/03/16.

SAFÓN apud PROCHNOW, Lucas Neves. Memórias, Narrativas e História: a imigração espanhola recente em Porto Alegre. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós Graduação em História. PUCRS, Porto Alegre, RS, 2009.

SANTILLÁN, Diego Abad De. **La FORA**. Buenos Aires: Utopia Libertária, 2005.

SURIANO, Juan. **Auge y caída del anarquismo: Argentina, 1880-1930**. Buenos Aires: Capital Intelectual, 2005.

ZINK, Rui. **Da bondade dos estereótipos**. In: LUSTOSA (Org.). **Imprensa, humor e caricatura: a questão dos estereótipos culturais**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.